

A ESCRITA COMO OPORTUNIDADE DE ENCONTRO NA EXPERIÊNCIA DO ENSINO UNIVERSITÁRIO

Lilian A. A. Veronese

O presente capítulo é uma carta endereçada ao grupo de estudantes da graduação de Psicologia de uma universidade privada da cidade de São Paulo, grupo que faz cada vez mais aproximar-me do nome que resume o fazer diário de meu ofício. Por esse motivo, o texto explicita uma escolha em relação ao modo de se constituir: fala-se em primeira pessoa.

É necessário destacar que este texto é também proveniente de inquietações que atravessam a prática docente no Ensino Superior, já que tal ofício só se torna possível depois de um percurso de imersão na pesquisa e na escrita de um trabalho de pós-graduação – uma dissertação de mestrado ou uma tese de doutorado. Desse modo, a escrita é um prisma que decompõe e dissipa diferentes frequências da mesma luz: a pesquisa acadêmica, a docência e a formação. Assim, esta carta revela um cruzamento entre essas frequências que se encontram pelo próprio exercício de escrever do pesquisador, do docente e dos alunos.

Os destinatários desta carta são tanto aqueles estudantes que participaram de uma disciplina em sala, a partir de um currículo determinado, limitações de começo, meio e fim contornados por cronogramas dados de antemão, quanto aqueles que experimentaram uma modalidade específica, que tem sido proposta

semestralmente em formato de estágio, denominado Laboratório de Escrita, com grupos de doze a quatorze integrantes.

Aos últimos, em especial, falo diretamente. Isso porque guardamos em nossos encontros do Laboratório de Escrita o ato próprio que este texto performa: pensar sobre a escrita escrevendo. É sobre essa atividade que tem sido realizada, desde o segundo semestre de 2019, como tema do Estágio Profissionalizante Supervisionado para discentes do sétimo e oitavo períodos da graduação, que este texto se desenvolve. Um laboratório, pois já no nome deixa claro que está no seu destino a possibilidade de fracasso; sendo de escrita, predestina-se a atrapalhar a vida, como nos diz Clarice Lispector na afirmação “O que me atrapalha a vida é escrever” (Lispector, 2006, p. 8). Nada do que lá se faz é para dar certo, de modo que o proposto naquele espaço é justamente experimentar.

Caros estudantes,

Quero lembrar-lhes de como a construção da proposta de trabalhar especificamente a escrita em encontros semanais começou. Digo lembrar pois disse isso em nosso primeiro encontro de estágio, e professor tem essa mania de achar que o aluno nunca esquecerá do que ele falou em sala. Mas essa mania acompanha outra: professor repete; aliás, essa é a sua bendita maldição: aula após aula, semana após semana, semestre após semestre, ano após ano.

Uma das coisas que tenho escutado desde quando comecei a dar aulas nessa faculdade é sobre a constância da falta de tempo na vida de vocês. Trabalhar o dia todo e estudar à noite é a realidade de muitos. E mesmo se não fosse assim tão corrido ou ocupado, o tempo ainda apareceria como um elemento que falta quando estão em jogo as leituras, os trabalhos e as atividades da faculdade. Temos, portanto, muitas vezes, apenas um momento em comum: o encontro da aula, especificamente.

Na aula, a gente se esbanja na luta, dobrando o cansaço do corpo, a vontade de dormir e descansar que entram em disputa com um assunto que interessa, mesmo que pouco, em conversas que vão apresentando novas maneiras de olhar, aproximando cada vez mais daquilo que se entende por estudar Psicologia ou ser psicólogo. Trabalhar o dia todo é um dado concreto, mas querer estudar e ir para a aula todas as noites, durante cinco anos, também o é; ponto final.

Explicando o que penso, repito de novo: trabalhar o dia todo é um dado concreto, mas querer estudar e ir para a aula todas as noites durante cinco anos

também o é. Nesse sentido, como uma boa aprendiz dos autores institucionalistas,¹² jamais me esqueço de que tudo pode ser uma oportunidade: é aqui e agora. Uma aula é uma oportunidade. Então, arregacemos as mangas!

A repetição do professor não é bem uma repetição idêntica, então a aula não é mais a possibilidade por vir de encontro com o que forma um psicólogo, mas, sim, um possível já em exercício, de fazer algo com o tempo que se tem: fazer ou fazer. Isso mesmo, não tem como não fazer, sempre se faz algo, mesmo quando se acha que não se faz.

Dedicada a pensar em como aproveitar nosso encontro presencial – espaço que temos em comum –, comecei a propor, em algumas salas, a escrita de um parágrafo sobre o que os afetou, diante de tudo o que foi exposto do conteúdo, proposição feita sempre um pouco antes do horário de término. Demorei para pensar nisso, mas, quando pensei, foi a partir da sensação proveniente das leituras das questões dissertativas nas provas. O que eu lia e corrigia, ao retornar ao escrevente, provocava um espanto. Muitos alunos me chamavam para esclarecer que a resposta escrita não expressava bem aquilo que haviam pensado ao responder à pergunta no dia da prova. O espanto não era raro, e ainda não é. Ocorre com frequência quando um texto escrito é lido novamente depois de algum tempo e, mais ainda, com as observações de um leitor – por meio da correção. O intervalo entre fazer a prova e receber a correção de cada uma das questões era suficiente para que os próprios escreventes se distanciassem daquilo que escreveram, e aí se espantassem. Perceber e pensar sobre isso foi me intrigando.

Deparando-me com os parágrafos, com as respostas em prova, dando uma olhadela no caderno de um e de outro e realizando as correções de trabalhos semestrais, fui tendo notícia do sofrimento decorrente da prática de escrever. No decorrer dessa estratégia, ao pedir que os escritos fossem lidos em voz alta, em sala de aula, uma recusa se apresentava. No começo, muitos não queriam, se esquivavam, se escondiam e desconversavam o meu pedido; porém, aos poucos, alguns se candidatavam a ler, para todos, o próprio escrito. Isso foi me animando.

Comecei, então, a entrar em contato com uma ideia e a elaborá-la: um laboratório para escrever. Encaminhei para a instituição a proposta, que entrou como uma alternativa de estágio. Naquele momento, não estava muito claro como funcionaria o trabalho ao longo do semestre, mas estava certa de que pelo menos quem participaria do estágio aceitaria os desafios que começavam a tomar forma nos meus pensamentos.

¹² Referimo-nos, aqui, ao movimento institucionalista e à Análise Institucional.

Pensei que um bom ponto de partida seria conversar sobre a famosa impressão de que o curso de Psicologia demanda muita leitura e sobre o fato de os estudantes terem muito mais habilidade para explicar oralmente do que para escrever respostas ou elaborar reflexões. Com essas questões inaugurando a discussão, a proposta era convidar vocês, estudantes, a refletirem sobre como se constitui um modo de pensar que, muitas vezes, se antecipa aos acontecimentos, que categoriza os fenômenos e estagna os movimentos da vida e das relações. Algo como pensar o próprio pensamento: as naturalizações que o atravessam e as crenças e as verdades que o engendram.

No ritmo dessa reflexão, pretendia galgar junto com vocês a possibilidade de reconhecer na própria ciência psicológica a produção de verdades sobre os sujeitos. Aí é que a escrita entraria – ou, pelo menos, essa sempre foi a minha expectativa –, como ponto de deslocamento entre o que se pretende fazer, o que se faz e o que se pensa que se faz. Explicando o “trava-língua”: a proposta se objetivava em exercitar a escrita semanalmente, a partir de orientações diferentes na construção de textos de uma página, com o intuito de reconhecer em si movimentos diversos, perspectivas inapreensíveis *a priori*, desconcerto de certezas e exercícios de pensamento. Desconfiava que tal fazer proporcionaria a inauguração de possíveis dúvidas sobre as coisas que se vê e que se pensa no imediato olhar cotidiano. Escrever pareceu uma oportunidade de suspender qualquer tipo de tentação de tratar a ciência psicológica e as teorias dela decorrentes a partir de um olhar já dado como verdade absoluta. Nesse ponto da ideia é que encontramos uma grande encrenca, já que, de alguma maneira, sabemos que grande parte do movimento histórico que tornou possível a discursividade das ciências humanas, mais especificamente da psicologia, parte desse pressuposto: a possibilidade de capturar os sujeitos a partir de explicações universalizantes, desenvolvimentistas e evolucionistas.¹³

É claro que tentar operacionalizar esse tipo de tensão em sala de aula, no final do curso da graduação, promete tudo aquilo que foge de um suposto sossego em pensar: “Estudei para saber das coisas”. Nesse sentido, explicar o que se enxerga, responder às perguntas feitas, se distanciava por completo daquilo que se propunha. De alguma maneira, isso só poderia ser feito por reconhecer o fato de que estudar as teorias psicológicas e os princípios da psicologia já implica de antemão um espaço de aprendizagem, que por si só guarda desconforto: nada de paraíso,

¹³ Sobre isso, ver o artigo “O controverso lugar da Psicologia na Educação: aportes para a crítica da noção do sujeito psico-pedagógico”, de Julio Groppa Aquino (2014).

nada de sucesso, nada de sossego, nada de ponto final. Nesse momento da carta, preciso abrir um parêntese para esclarecer certa posição em relação à docência.

Abre parêntese:

O que significa ser um professor?

Tentando fugir dos discursos contemporâneos que designam a tarefa do professor análoga à de um mediador entre o aluno e o conhecimento, ajudando esse último a encontrar em si aquilo que lhe interessa e encaminhar-se nessa direção, recorro a impressões recolhidas de autores e discussões de vertentes pós-estruturalistas que contribuem com a reflexão da prática docente e educativa.¹⁴ Aposto, então, na possibilidade de habitar a sala de aula a partir de uma perspectiva que implica acessarmos e provocarmos nossas certezas sobre as práticas pedagógicas e os benefícios da psicologia; e, por esse motivo, a necessidade de enfrentar a naturalização presente quando nos acomodamos em conceitos propostos em certo tempo histórico, como: sociedade, sujeito, consciência, desenvolvimento, inconsciente, aprendizagem, cognição etc. Trata-se, portanto, da subversão até mesmo daquilo que entendemos como um pensamento crítico e progressista, uma relação em que se torna possível conceber que “o que hoje nos soa como verdadeiro, ou mesmo necessário, abriga uma enorme porção de contingência e de arbitrariedade” (Aquino, 2018, p. 177). Posição declinante da possibilidade de ancorar em conceitos tidos como essencialistas ou universais; um gesto ético-político de interrogar as ideias, desassossegar as certezas e os modos de pensar em voga.

Em linhas gerais, o trabalho do professor seria apresentar, para seus estudantes e com seus estudantes, um exercício de pensamento, sem promessa de um futuro, digamos, próspero. Dessa maneira, o encontro pedagógico é nada mais, nada menos que um espaço em que é possível testemunhar o exercício de reflexão sobre as produções humanas e os materiais gerados, a partir de remontagem, edição e direção do exercício intelectual do professor. Oposição radical à compreensão de chegar a um ponto específico ou mediar um elemento com o outro. Professor não dá respostas: apresenta um exercício de pensamento, provoca perguntas e ajuda os alunos a sustentarem dúvidas que mobilizam reflexões outras, sem nada apaziguar.¹⁵

¹⁴ Sobre isso, ver o texto de Veiga-Neto, A. (2000). Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades. In: Portocarrero, V. & Castelo Branco, G. (Orgs.). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: NAU, pp. 179-217.

¹⁵ Sobre isso, ver Aquino, J. G. (2008). Aprender a solidão: aula com Michel Foucault. In: Heruser, E. M. D., Aquino, J. G. & Corazza, S. M. (Orgs.). *Aula com... em vias de uma didática da invenção*, pp. 171-183, Cascavel: Edunioeste.

Fecha parêntese.

Nada de paraíso, nada de sucesso, nada de sossego... Aí estávamos, falava sobre a sala de aula. Dizia que embora a ciência psicológica apresente ideias bastante plausíveis para o nosso modo de pensar e, muitas vezes, seja compreendida como reveladora das relações humanas, é a partir dela, no contexto de formação, e, portanto, no encontro pedagógico, que podemos subverter o que é reconhecido como resposta, elaborando questões. Ou seja, a psicologia como um trampolim para muitas outras reflexões e perguntas.

É de um processo de formação que se trata e, por esse motivo, de um processo que desacorçoa. Aprender algo, sentir vontade de saber sobre algo, dedicar-se anos estudando é aceitar lançar-se sem poder voltar ao mesmo lugar de partida. Não dá muito bem para escolher, é um tanto sofrido, sabemos. Lembro-me de um professor que dizia que uma aula é quase uma escovação com cerdas de aço. Não saímos os mesmos, ainda que não se perceba de imediato. Nas palavras escritas de um dos alunos, a experiência de uma aula poderia ser descrita da seguinte forma: *“Não sei se poderia dizer que estava arrependido ou simplesmente estava sendo tomado pelo sentimento de terror, só sei que de repente estávamos todos sobre um campo aberto, e alguns metros à frente um desfiladeiro nos aguardava cruelmente”*.¹⁶ Um tanto assustador desaparecer da certeza de quem somos.

Pois bem, tendo contado o caminho que justifica e expressa o objetivo do Laboratório de Escrita, passemos à própria: a escrita.

Em diferentes oportunidades, ouvi: “Parei de escrever quando entrei na faculdade”; “Gosto de ler, mas não de escrever”; “Escrevo muito pouco”; “Não sei escrever”; “Tenho vergonha de ler o que escrevi” etc. A princípio, parece que escrever decorre da leitura; escrever não se relaciona diretamente com o período da formação; escrever é algo que se deve saber fazer; escrever parte do certo e do errado. Enfim, muitas concepções e ideias que antecedem a prática da escrita, deflagrando impedimentos, travas, receios que a afastam das atividades cotidianas.

Um tanto nessa direção que os encontros se encaminharam: discutir o que é escrever apresentando um texto. Passeamos por apresentações de quem somos via trechos de textos escritos por outros – músicas, poemas, contos etc. –; escrevemos sobre textos lidos em conjunto; escrevemos sobre um objeto; escrevemos sobre o medo de escrever; escrevemos sobre cenas cotidianas.¹⁷ Cada uma dessas atividades articulando dois elementos: o escritor e o leitor.

¹⁶ Os trechos destacados em itálico são referentes à produção de textos escritos por estudantes que participaram do Laboratório de Escrita, desde o seu início em 2019.

¹⁷ Como metodologia para o estágio, era proposta, toda semana, uma produção de texto que

Precipícios, leito de hospital, ruas da periferia, café fresco de manhã, dificuldades em estacionar o carro, sacolas de plástico jogadas na rua, flores e tantos outros elementos serviram de tema, propósito e argumento para a prática de pensar e dizer algo. Atividades que exigiam dedicação em escolher a melhor palavra para produzir certos efeitos nos textos escritos. O que valia era a intenção e a reflexão sobre o que se desejava produzir no leitor. Depois disso, discutíamos as intensidades, os sentidos produzidos pelo texto a partir da leitura de todos. E, claro, fazíamos correções gramaticais.

Para que as discussões pudessem desviar das impressões que tendem a fundir o escrevente à produção escrita, tivemos que emanar um certo mantra: o texto não é você. Aquele que escreveu não é mais quem está aqui agora, ideia que implica no reconhecimento dos movimentos que nos constituem e que tensiona a afirmação de um certo “Eu” fixo.

Tendo sido discutida e vivenciada tal ideia, não sem uma dose de sofrimento, foi se tornando possível criar um costume de revisar o texto. Ler várias vezes, reescrever, reeditar, inaugurar um leitor do próprio material. Sobre isso ouvi: “*O texto dorme, deve dormir. Caso contrário, parece que não sai da cabeça.*” E ainda: “*O ato de escrever não se encerra em si, pois quem escreve ouve em silêncio seus próprios pensamentos, que ganham forma ao tomar posse do momento, dando vida a eles. Ao escrever, o sujeito passa pela experiência em que se faz-fazendo, como num eterno movimento*”.

Na oportunidade de habitar um espaço que tem por condição se produzir pela experiência da escrita, pudemos nos deparar com diferentes elementos da própria vida – “*Passam a ver de perto que produzem efeitos nos demais, entendendo via prática o que fazem na relação com o outro*”.

Dessa maneira, seguimos, eu e vocês, refletindo sobre o gesto que nos constitui nas relações com o mundo a partir da recusa de um saber totalizante na companhia de uma folha em branco e de nossos pensamentos. E é assim que é... como um de vocês escreveu: “*o processo da escrita poderia ser comparado a pontes que esperam para ser atravessadas. Estão lá, disponíveis, simplesmente à espera de qualquer desbravador que se aventure a elas. A ponte é indiferente à técnica, à coragem ou ao medo, bem como aos erros e acertos, mas no outro lado, após a travessia, se percebe que o caminho para chegar até ali foi de certa*

deveria atender a uma orientação simples, por exemplo: escrever sobre um objeto, escrever sobre algo que chamou a atenção do estudante durante a semana, escrever sobre um texto indicado para leitura.

forma especial, e quem atravessou sabe que a ponte desaparece após a passagem. Fica no passado, em um lugar para onde não se retorna mais”.

O processo vivido no Laboratório de Escrita proporciona um encontro entre o fazer docente e o fazer dos alunos, em que se dispensa uma expectativa antecipatória tomada como agradável, tranquila e palatável. Em vez disso, convoca o desejo de ambas as figuras, no tempo exato em que o gesto de se fazer com o outro é possível: professor e estudante em um momento presente.

“Devido à proposta do laboratório, a prática da escrita, que antes nunca foi exercitada de forma constante, se tornou comum. Conforme toda situação desconhecida, houve um período de adaptação pouco agradável [...] no início, escrever carrega uma dificuldade muito maior do que apenas ler. Colocar palavras em um papel é uma responsabilidade imensa, pois a palavra produz o pensamento”. Aí está um exemplo daquilo que vocês disseram e que me enche de sentido.

Um tempo para escrever, ler a si mesmo, ler o texto do outro, comentar e discutir de forma coletiva tem possibilitado, no encontro pedagógico, o espaço-tempo de movimento e criação. Por esse motivo, me senti animada em escrever-lhes para contar como é que tenho compreendido as reflexões que fazemos juntos nos encontros. A escrita me parece a prática que se relaciona com o que diz Sêneca (2007, p. 22), no livro *A brevidade da vida*: “Chega então o momento em que não se duvida daquele veredicto que, à guisa do oráculo, disse: ‘Pequena é a parte da vida que vivemos’”.

Então, sigamos vivendo e escrevendo. Mandem-me notícias.

Prof.^a Lilian

REFERÊNCIAS

Aquino, J. G. (1994). Conhecimento e mestiçagem: o efeito-Macabéa. *Cadernos de Subjetividade*, pp. 101-106, São Paulo, 2(1-2).

Aquino, J. G. (2014). O controverso lugar da Psicologia na Educação: aportes para a crítica da noção de sujeito psico-pedagógico. *Psicologia: ensino & formação*, pp. 5-19, Brasília, 5(1).

Aquino, J. G. (2018). Aprender a solidão: aula com Michel Foucault. In: Heruser, E. M. D., Aquino, J. G. & Corazza, S. M. (Orgs.). *Aula com... em vias de uma didática da invenção*, pp. 171-183. Cascavel: Edunioeste.

Baremblytt, G. (2002). *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. 5. ed. Belo Horizonte: Instituto Félix Guatarri.

- Corazza, S. M. (2002). Labirintos da pesquisa, diante de ferrolhos. In: *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. pp. 105-131. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, (1).
- Lispector, C. (2006). *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lourau, R. (2014). *A análise institucional*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Patto, M. H. S. (2012). *Formação de psicólogos e relações de poder: sobre a miséria da psicologia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sêneca (2007). *A brevidade da vida*. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 81. São Paulo: Editora Escala.
- Veiga-Neto, A. (2000). Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades. In: Portocarrero, V. & Castelo Branco, G. (Orgs.). *Retratos de Foucault*, pp. 179-217. Rio de Janeiro: NAU.
- Veyne, P. (2011). *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

